



Beatificação de Pauline Jaricot

Jesus, o “sem-tecto” de Belém
Beatificado o médico da caridade

Missionários Portugueses no mundo
“O primeiro fósforo para acender o fogo”

**A todos os nossos amigos e benfeitores
desejamos um Feliz Natal e um Santo Ano Novo!**



“Virgem e Mãe Maria,
Vós que, movida pelo Espírito,
acolhestes o Verbo da vida
na profundidade da vossa fé humilde,
totalmente entregue ao Eterno,
ajudai-nos a dizer o nosso «sim»
perante a urgência, mais imperiosa
do que nunca, de fazer ressoar
a Boa-Nova de Jesus.”

(Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*)



FICHA TÉCNICA

DIRECTOR
P. José António Mendes Rebelo

MISSÃOZINHA OMP
Anna Kudelska

PROPRIEDADE E EDIÇÃO
Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Ilha do Príncipe, 19
1170-182 LISBOA
Tlf: (+351) 21 814 84 28
Email: missao.omp@netcabo.pt
NIPC: 501132619
Homepage: www.opf.pt

ESTATUTO EDITORIAL
<https://www.opf.pt/missao-omp>

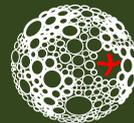
Depósito Legal N° 192499/03
NIPC 501 132 619 - I.S.S.N. - 1647 - 9203
Registo na ERC n° 104247

TIRAGEM: 4160
FOTOGRAFIA:
José Rebelo; João Fernandes; Arquivo OMP



SUMÁRIO

Editorial	3
Jesus, o “sem-tecto” de Belém	4
Difundir a alegria do Evangelho	6
Missão: a alegria de partilhar	8
Beatificado o médico da caridade	12
Irmã Maria De Coppi, mãe, irmã e mártir	15
Missionários Portugueses no mundo	16
“O primeiro fósforo para acender o fogo”	18
Pauline Jaricot, a estratega da missão	20
Peditório do Dia Mundial das Missões	21
A Missão é divertida: Uma dança tempestuosa	22
Escaparate	23



Reavivar o nosso sentido de missão



Portugal tem uma notável tradição missionária. Que nos orgulha e engrandece. Desde os Descobrimentos que estivemos na vanguarda da evangelização. A fé acompanhou os nossos missionários, marinheiros e emigrantes por 500 anos. Mas é cada vez mais opinião corrente de que o impulso missionário tem diminuído dramaticamente entre nós. Dois sinais inegáveis são a diminuição considerável no número de missionários *ad gentes* e do montante da partilha de cada diocese com as jovens Igrejas (ambos visíveis nos quadros que publicamos nesta edição, nas páginas 16 e 17).

Diz-se por aí que a missão agora é aqui. Quem parte é visto como tendo uma “pancada” e como alguém que foge do dever. A missão universal é cada vez mais vista como algo dispensável, que distrai os fiéis e até como uma “concorrente” que vem “roubar” os magros recursos humanos e materiais das paróquias. Não admira que nem o que deveria ser o sacrossanto peditério do Dia Mundial das Missões – o único que é feito para partilhar com as jovens Igrejas – se realize

e/ou não seja anunciado em muitas partes e acabe por ser de uma magreza confrangedora – pelo menos o resultado que nos chega às Obras Missionárias Pontifícias! É triste que assim seja!

Desde o início que a Igreja cresceu na abertura à universalidade, sem a qual teria sido apenas uma seita sem futuro. A missão é constitutiva da Igreja e sem ela morrerá. Pensar que resolveremos os nossos problemas da missão “dentro de portas” – a nível paroquial e nacional – fechando-nos ao mundo é negar aquilo que somos e condenar-nos a definhar como comunidade. A missão doméstica precisa de se abrir à comunhão universal, para não cair na “introversão eclesial” (Papa João Paulo II). A missão é uma partilha entre Igrejas. As jovens Igrejas precisam do nosso contributo monetário e espiritual; e nós precisamos da sua riqueza humana (ver quadro sobre o número de missionários estrangeiros já a trabalhar em Portugal, na página 17) e da sua jovialidade na vivência e celebração da fé, entre outros.

Temos tudo a ganhar e nada a perder com a abertura, como sabe-

mos pela fé e pela experiência: Deus abençoa a nossa generosidade. O Papa São João Paulo II disse que “a missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. A fé fortalece-se, dando-a” (*Redemptoris Missio*, 2). Esta é uma lição que temos dificuldade em reter.

Talvez por isso é que o Papa Francisco não se tem cansado de nos encorajar a sair e a ir ao encontro do mundo – de perto e de longe. Na sua primeira Exortação Apostólica – precisamente sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual (ver páginas 6 e 7, seguramente a sua *Carta Magna* sobre a Evangelização) – cita João Paulo II, que diz: “A actividade missionária «ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja» e «a causa missionária deve ser (...) a primeira de todas as causas»” (EG 15). A doutrina da Igreja é clara. Ao ignorá-la causaremos um grande dano à vitalidade da nossa Igreja.

Que o Emmanuel nos faça testemunhas do Seu amor e da Sua alegria e nos conceda um novo fôlego missionário!

SANTO E FELIZ NATAL! ✦

Jesus, o “sem-tecto” de Belém

Jesus, o Senhor do mundo, nasceu como um sem-abrigo, foi anunciado primeiro aos pastores, os sem-terra da época, e ao longo da Sua vida não teve “onde reclinar a cabeça”. Fez-se pobre para nos enriquecer do Seu amor.

Estamos no tempo litúrgico do Natal, que vai das vésperas do Natal até à festa do Baptismo do Senhor.

Na Missa da noite de Natal proclamamos solenemente: “Ó noite silenciosa! O desejado chegou! A promessa foi cumprida: o tempo de espera acabou! Ó noite silenciosa! Chegou-nos o Emanuel (Deus conosco)! O clamor foi atendido, nasceu a justiça do céu! (...) Ó noite silenciosa! Deus enviou o Seu Filho! Nasceu o sol do Oriente, a luz espalha o Seu brilho! A vós, ó Pai, nesta noite os servos cantam louvor. Tornados filhos no Filho, no Espírito de Amor” (Proclamação do Natal).

Segundo o relato do Evangelista Lucas, naquela época, o imperador César Augusto mandou fazer o recenseamento em todo o império. Na realidade, o recenseamento era um instrumento de dominação e de cobrança de impostos. “Todos iam recensear-se, cada qual à sua própria cidade. Também José, deixando a cidade de Nazaré, na Galileia, subiu até à Judeia, à cidade de David, chamada Belém, por ser da casa e linhagem de David, a fim de se recensear com Maria, sua esposa, que se encontrava grávida. E, quando eles ali se encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz e teve o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria (ou, “dentro de casa” – como alguns traduzem) (Lc 2, 3-7).

Os primeiros que receberam a Boa Notícia do nascimento de Jesus foram os pastores. “Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo:

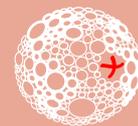


hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura” (Lc 2, 10-12). Os pastores foram à pressa encontrar-se com Maria e José, e o recém-nascido. Voltaram louvando e glorificando a Deus, e tornaram-se os primeiros anunciadores da Boa Notícia do nascimento de Jesus.

Quem eram os pastores? Eram pessoas “odiadas por não respeitar as propriedades alheias, invadindo-

-as com os seus rebanhos e cobrando preços exorbitantes pelos produtos. Um pastor – segundo o *Talmud* babilónico – não podia ser eleito para o cargo de juiz ou testemunha nos tribunais, por causa da má fama e do desrespeito à propriedade” (P. José Bortolini, *Roteiros homiléticos*, Paulus, 2006, p. 3). Os pastores não eram, portanto, “pessoas de bem”.

Jesus, diríamos hoje, nasceu como um “sem-tecto” / “sem-abrigo” e anunciou a Boa Notícia do Seu nascimento aos “sem-terra”



(os pastores). Nasceu rejeitado e excluído. “Veio para os Seus, mas os Seus não o receberam” (Jo 1, 11).

O Filho de Deus, o Salvador do mundo, não só Se encarnou, assumindo a nossa natureza e a nossa condição humana na história, mas tornou-Se solidário – afectiva e efectivamente – com todos aqueles/as que no mundo não têm voz e não têm vez, com todos aqueles/as que não “cabem” nas casas das nossas cidades: os empobrecidos, os oprimidos, os excluídos, os indesejados, os rejeitados e os descartados da nossa sociedade. Jesus identificou-se totalmente com eles/elas, tornando-se um deles/delas.

Muitas vezes, com os nossos presépios bonitos e até luxuosos, em ambientes e Igrejas com todo o tipo de conforto, conferimos ao Natal uma aura romântica, que não tem nada a ver com o estábulo e a manjedoura, na qual Jesus nasceu.

É verdade que Jesus veio para todos/as, mas o caminho que Ele escolheu, para anunciar ao mundo a Boa Notícia do Reino de Deus, não foi o caminho dos poderosos (dos Herodes de ontem ou de hoje), mas o caminho dos pobres, que é um caminho alternativo.

E nós, Seus seguidores/as, será que escolhemos o caminho de Jesus? Será que, nas nossas Igrejas e nas nossas comunidades, não estamos, muitas vezes, demasiado preocupados com comportamentos que visam o poder, o luxo, a riqueza, a ostentação e o triunfalismo? Será que não procuramos legitimar tais comportamentos proferindo as palavras, hoje muito comuns, “para Deus o melhor”? O que é o melhor? Será que o melhor está no ter (e não no ser)?

Será que, em determinadas situações, não nos “prostituímos” com os nossos conluios, com as nossas atitudes bajuladoras e com as nossas alianças ambíguas?

Na noite de Natal cantamos com alegria: “Noite feliz”! Mas, do ponto de vista meramente racional, não foi uma noite feliz. Qual é a mulher grávida que gostaria de dar à luz um

— “ ” —
**Ó noite silenciosa!
Deus enviou o Seu Filho!
Nasceu o sol do Oriente,
a luz espalha o Seu brilho!
A vós, ó Pai, nesta noite
os servos cantam louvor.
Tornados filhos
no Filho, no Espírito
de Amor.”
(Proclamação do Natal)**

— “ ” —
filho numa manjedoura? Nenhuma, com certeza. Seria um caso de desrespeito à dignidade humana, de marginalização e de injustiça. Mas porque, mesmo assim, cantamos: Noite feliz!? Porque temos a certeza, à luz da fé, que estamos diante do grande mistério do amor infinito de Deus para conosco. Deus ama-nos “até o fim” (Jo 13, 1), até não poder mais. Como é insondável o mistério do amor de Deus para conosco! Que prova de amor Deus no deu!

Jesus passou quase toda a Sua vida no anonimato, vivendo – certamente com simplicidade e naturalidade – a vida de trabalhador, a vida de carpinteiro, juntamente com José, Seu pai.

Nos poucos anos de vida pública – contam os *Actos dos Apóstolos* – Jesus, ungido com o Espírito Santo, “andou por toda a parte a fazer o bem”, sempre ao lado dos mais pobres e necessitados. “E nós (os Apóstolos) somos testemunhas de tudo o que Jesus fez na terra dos judeus e em Jerusalém” (Act 10, 38-39).

Apesar de ter andado “por toda a parte a fazer o bem”, Jesus foi preso e acusado de subverter o povo (cf. Lc 23, 2), foi torturado e morto na cruz, que era a morte mais humilhante e mais vergonhosa possível. A solidariedade e a identificação com todos os rejeitados/as da nossa sociedade não podia ser maior. Ele, o Santo e o Justo, fez-se bandido, fez-se criminoso. Mas “Deus ressuscitou-O e nós – dizem novamente

os Apóstolos – somos testemunhas disso” (Act 2, 32). E é justamente por causa da Ressurreição de Jesus que, no tempo litúrgico da Páscoa, cantamos alegres: “Vitória tu reinarás, ó cruz, tu nos salvaras”!

Na última Ceia, Jesus, depois de lavar os pés dos discípulos, perguntou: “Entendeis o que acabei de fazer? (...) Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também” (Jo 13, 12-15). Noutra ocasião, conversando com os discípulos, Jesus disse: “Quem de vós quiser ser grande, deve tornar-se vosso serviçal, e quem de vós quiser ser o primeiro, deverá tornar-se o servo de todos” (Mc 10, 43-44).

Podemos dizer que Jesus revolucionou todos os critérios da convivência humana. E nós? Será que queremos realmente seguir Jesus, procurando “discernir os ‘sinais dos tempos’ à luz do Espírito Santo” e colocar-nos ao serviço do Reino de Deus? (*Documento de Aparecida – DA*, 33).

Um dia, “indo eles pelo caminho, disse-lhe um: Senhor, seguir-Te-ei para onde quer que fores. Jesus disse-lhe: As raposas têm covis, e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lc 9, 57-58). E, num outro encontro com os discípulos, Jesus acrescentou: “Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me” (Mt 16, 24).

Enfim, lembremos que: “O seguimento de Jesus é fruto de uma fascinação que responde ao desejo de realização humana, ao desejo de vida plena. O discípulo é alguém apaixonado por Cristo, a quem reconhece como o mestre que o conduz e o acompanha” (*DA*, 277).

“Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10, 10). ✚

Padre Marcos Sassatelli
Frade Dominicano

Difundir a alegria do Evangelho



Foto: DR

A primeira Exortação Apostólica do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* (EG), *A Alegria do Evangelho* [2013], é longa, mas é o seu grande documento programático ao nível pastoral. Nela, o Papa propõe uma profunda renovação missionária de toda a Igreja, desejando uma comunidade verdadeiramente vibrante e evangelizadora, inflamada com o fogo do Espírito Santo.

○ Papa Francisco diz: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo” (EG 27). E afirma, citando o Papa João Paulo II: “toda a renovação na Igreja há-de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial” (EG 27). Ele acredita que “a ação missionária é o

paradigma de toda a obra da Igreja” (EG 15).

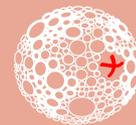
A visão do Papa Francisco. Pode-se afirmar que este documento resume a teologia, a espiritualidade, e a visão do ministério pastoral-missionário do Papa. O seu desejo de que a Igreja esteja em “estado permanente de missão” (EG 25) vem da sua profunda relação pessoal com Cristo e convida “todo o cristão, em qualquer lugar e situação em que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo” (EG 3).

Uma visão central do Papa Francisco é a de que “todos somos discípulos missionários” (EG 119); “não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários»” (EG 120). “Os discípu-

los missionários acompanham discípulos missionários” (EG 173). As vidas dos evangelizadores devem “irradiar fervor, pois foram quem primeiro receberam em si a alegria de Cristo” (EG 10).

O Papa Francisco revela o seu sentido de humor em vários pontos. Ele observa que, infelizmente, “há cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa” (EG 6). “Um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral” (EG 10). Não devemos transformar-nos “em pessimistas lamurientos e desencantados com cara de vinagre” (EG 85).

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco sublinha que seguir Jesus como Seu discípulo é um convite atraente; isto é verdade porque “ao início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia,



mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (EG 7, em que cita o Papa Bento XVI).

O Papa Francisco reconhece numerosos desafios missionários; no entanto, ele permanece realisticamente otimista, afirmando: “Os desafios existem para ser superados. Sejamos realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança. Não deixemos que nos roubem a força missionária!” (EG 109).

Dez sinalizadores missionários.

A *Evangelii Gaudium* transborda de profunda sabedoria para a vida e o testemunho cristão; agora, gostaria de identificar as visões centrais e temáticas que podem contribuir para renovar o fervor missionário da Igreja.

1. Os missionários como pessoas centradas em Cristo. A missão exige um “encontro pessoal com o amor salvífico de Jesus.” A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-l’O cada vez mais” (EG 264).

2. A alegria como sinal inequívoco dos discípulos missionários. Os evangelizadores alegres contribuirão para uma difusão bem sucedida do Evangelho. Com profunda emoção, o Papa Francisco escreve: “Quero dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria” (EG 1).

3. A integração das perspectivas do Vaticano II. O Papa Francisco afirma que “é importante tirar as consequências pastorais desta doutrina conciliar” (EG 38) para a missão no mundo hoje.

4. A centralidade da missão na vida da Igreja. O Papa promove constantemente uma Igreja missionária activa;

como já foi referido, ele proclama que “a acção missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja” (EG 15).

5. Uma Igreja dinâmica “em saída”. “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 49).

6. A misericórdia é central. “A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho” (EG 114).

7. Envolvimento social na evangelização. “Deriva da nossa fé em Cristo, que se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade” (EG 186).

8. Piedade popular, um veículo de evangelização. “Na piedade popular, pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se” (EG 123).

9. Diálogo na evangelização. Numa grande secção sobre o diálogo, o Papa Francisco trata tanto do diálogo ecuménico (EG 244-249) como do diálogo

inter-religioso (EG 250-254).

10. Visão global. Sem dúvida, o Papa Francisco exhibe uma visão ampla de uma Igreja evangelizadora, colegial, e sinodal, citando os contributos de numerosas conferências episcopais de todo o mundo.

Convite. Nesta Exortação Apostólica, o Papa Francisco lança-nos um apelo a uma renovação missionária da nossa Igreja; ele faz eco do Concílio Vaticano II, que afirmou que “a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária” (*Ad Gentes*, 2). Acolhamos com alegria o convite sincero e pessoal do Papa para nos tornarmos verdadeiramente activos na missão! ✨

Padre James H. Kroeger, M.M.

O Padre James H. Kroeger, um Missionário Maryknoll americano, serviu na Ásia (Filipinas e Bangladesh) desde a sua chegada ao Oriente em 1970, trabalhando em paróquias e servindo principalmente no apostolado da educação-formação de seminaristas, religiosos, catequistas, e líderes leigos. Produziu numerosos livros de teor teológico-missiológico-catequético; os seus livros mais recentes incluem *Go, Teach, Make Disciples* e *Exploring the Priesthood with Pope Francis*.



Foto: DR

O autor do artigo o Padre James H. Kroeger com o Cardeal Filipino Luís António Tagle.

Missão: a alegria de partilhar

Anunciar e testemunhar o Evangelho de Jesus não é um dever que nos é imposto. É a possibilidade que temos de ajudar muitas outras pessoas a descobrir a presença activa de Jesus no mundo e na vida de cada pessoa. Jesus precede-nos.

I. O dever da missão e a alegria da partilha

Das muitas histórias de missionários que ouvi contar, uma das que mais gosto é a da carta que escreveu um irmão missionário que trabalhava na China nos últimos anos do século XIX.

Dizia assim: “Nunca agradecerei a Deus o suficiente por me ter feito missionário na China. ... Quando penso nas inúmeras graças que recebi de Deus, e que continuo a receber até agora... confesso que me vêm as lágrimas aos olhos. A vocação mais bonita do mundo é ser missionário” (Carta de Joseph Freindemetz, 1887).

Não lhe faltavam as dificuldades a enfrentar, mas sentia muito claramente que as alegrias e a beleza da vida que vivia valiam muito mais do que todas as renúncias que tinha feito.

Privações e dificuldades existem em todos os caminhos da vida, mas a missão de levar o Evangelho a outros povos é algo que enche o coração de alegria e nos faz participar num processo que é muito maior

do que os trabalhos que fazemos. A verdade é que participamos no trabalho de Deus que está a transformar o nosso mundo. Trabalhamos no Seu projecto.

Em outros tempos, gostávamos de sublinhar o ‘dever missionário’: a ordem de Jesus era clara, “Ide e anunciai” (Mt 28, 19-20) e, para obedecer a tal imperativo, homens e mulheres deixavam tudo e enfrentavam dificuldades sem conta, para levar aos povos de longe o Evangelho da salvação.

Nos nossos dias, o mandato missionário de Jesus, “Ide!” não perdeu nada da sua importância e urgência, mas há outra dimensão que tem vindo a chamar a nossa atenção: a razão pela qual Jesus envia, isto é, a sua presença que já está activa em toda a humanidade.

Muitos missionários e missionárias, regressando, não se cansavam de dizer, “É muito mais o que recebemos”, mas talvez só agora começamos a pensar no que isso significa.

Afinal, os missionários partem para “levar e dar” ou para “receber e trazer”? A resposta está na linha do Evangelho que está mesmo ali ao lado do tal “mandato missionário”: “todo o poder Me foi dado nos céus e na terra” (Mt 28, 18): Jesus ressuscitado está já presente em toda a parte, a transformar o mundo e as pessoas que o habitam, com a energia divina que é o Seu Espírito. É por isso que os misso-



© P. Fernando Domingues (autor do artigo), em 2010, com um grupo de diáconos do Colégio Urbano, em Roma, que dirigiu.



nários são convidados a partir, para colaborar nessa transformação que o Santo Espírito de Cristo já está a realizar.

O próprio Jesus falou dessa realidade em várias ocasiões. Quando apareceu às mulheres na manhã da Sua ressurreição, Ele pediu-lhes que fossem dizer aos Seus discípulos que deviam “partir para a Galileia, pois Ele os precedia e lá O haviam de encontrar” (cf. Mt 28, 8-15). Confirmamos isso mesmo de muitas maneiras na nossa vida missionária: nos povos a quem levamos o Evangelho, encontramos muitos sinais da presença de Deus que está activa nas suas vidas muito antes de nós lá chegarmos. Explicando a parábola da semente, Jesus também disse que o semeador é o Pai e a semente é a Palavra do Evangelho. Esta sementeira já Deus a começou há muito, no coração de cada pessoa, e particularmente nas várias tradições religiosas com que os povos se dirigem a Deus. Agora, o que Deus precisa é de “muitos trabalhadores para a colheita” (Lc 10, 2).

Numa linguagem semelhante, os antigos Padres da Igreja observavam as tradições culturais e religiosas (não-cristãs) do seu tempo e diziam que nelas se podia encontrar a Palavra (de Deus), em modalidade de semente (*Logos spermatikôs*).

A alegria dos missionários que partem, e de todas as pessoas que em qualquer lugar se dedicam a anunciar e testemunhar a nossa fé, é a alegria de partilhar com os outros o melhor que temos – o Evangelho de Jesus – e, ao mesmo tempo, descobrir e receber os dons que o Espírito de Jesus já foi cultivando ao longo dos séculos nessas pessoas e culturas em que vivem.

2. Dos trabalhos ao testemunho de vida

O Papa Francisco veio desafiar muitos de nós a reflectir de novo sobre a nossa maneira de viver a vida missionária. A expressão que ele gosta de usar é “Eu sou uma missão neste mundo” e acrescenta, “não posso separar a minha missão e a minha vida pessoal” (EG, 273).

Um missionário já idoso partilhava nestes dias as suas fadigas apostólicas e dizia: “nem sei bem como, mas na missão onde estive, consegui construir 40 capelas e cinco igrejas, que hoje servem cinco novas paróquias.” Extraordinário. E, sem dúvida, aquelas mais de 40 comunidades cristãs agradecem muito a sua generosidade e a de quantos apoiaram o seu serviço missionário. Era um tempo em que era preciso fundar as comunidades, estabelecer as primeiras estruturas...

Hoje, que as comunidades já têm um mínimo de consistência, o serviço missionário concentra-se mais sobre o esforço de transmitir o evangelho com o testemunho de vida, deixando que as construções



“Jesus ressuscitado está já presente em toda a parte, a transformar o mundo e as pessoas que o habitam, com a energia divina que é o Seu Espírito.”

sejam fruto do esforço das comunidades locais, à medida que elas vão crescendo.

Alguns ‘trabalhos’ serão sempre necessários, e não faltará a generosidade entre as várias Igrejas que continuarão a apoiar-se fraternamente umas às outras, mas o esforço missionário de anunciar com o testemunho de vida vem sublinhar de maneira nova a necessidade de os missionários serem mais contemplativos. Alguém diz que, na nova oração contemplativa dos missionários e missionárias, há um ‘subir’ e um ‘descer’: o missionário precisa de ‘subir’ até Deus; na oração e meditação, contemplar a vida e o mistério de Deus para sintonizar o próprio coração e o próprio pensamento com o coração e os planos de Deus. Depois, é preciso ‘descer’, olhar para o mundo, para as comunidades humanas a quem somos enviados para aí descobrir os movimentos do Espírito de Deus, aquilo que Deus está a inspirar e a fazer crescer. Então, o nosso testemunho de vida poderá ajudar as pessoas a discernir a acção de Deus e ‘ajustar’ a vida das comunidades cristãs e a direcção em que querem caminhar.

3. Da experiência vivida à partilha

A certeza de que Deus já está presente e bem activo na vida das pessoas e grupos humanos que nos acolhem, livra-nos da pressa ansiosa que às vezes



Foto: DR

Católicos Filipinos a celebrarem 500 anos de evangelização.

caracterizava algumas iniciativas missionárias. A nossa presença missionária há-de então ficar marcada pelo diálogo, pela capacidade de caminhar juntos – sinodalidade – e pela presença humilde.

a. Diálogo

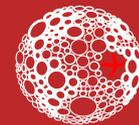
Dialogar com os crentes de outras tradições religiosas é um elemento indispensável no nosso serviço missionário. O Evangelho não se impõe, oferece-se num diálogo respeitoso com quem quer aproximar-se de Jesus e da Sua Igreja. E isto simplesmente porque é o caminho que o próprio Deus segue, como diz o documento da Santa Sé, sobre o diálogo e o anúncio em contexto missionário:

“Deus, num diálogo que dura ao longo dos tempos, ofereceu e continua a oferecer a salvação à humanidade. Para ser fiel à iniciativa divina, a Igreja deve, pois, entrar num diálogo de salvação com todos” (Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso e Congregação para a Evangelização dos Povos, *Diálogo e anúncio* (1991) n.º 38).

Esse ‘diálogo’ entre a nossa fé e a tradição religiosa das pessoas que encontramos não é uma simples discussão que se conclui depressa. Trata-se de um

“diálogo de vida” em que a passagem de uma fé a outra se faz lentamente e poucos elementos de cada vez. Num encontro recente, alguns colegas notavam que num certo país africano, “ainda há muito elementos das religiões antigas na vida dos nossos cristãos.” Hoje, temos uma consciência mais clara sobre o facto que o processo de conversão a uma nova fé pode levar várias gerações, e talvez nunca chegue a ser total. Trata-se de questões que tocam as realidades mais profundas da vida humana. As pessoas precisam de muito tempo para mudar as realidades fundamentais das suas vidas.

As novas comunidades cristãs que vão surgindo, nascem e crescem com ‘uma alma própria’ e desenvolvem as suas próprias maneiras de rezar, de se organizarem, de transmitir a sua fé. A maneira de viver a fé cristã, nestas comunidades, é necessariamente configurada também pelos dons que tinham já recebido de Deus no caminho que Ele tinha vindo a fazer com elas ao longo dos séculos precedentes. As novas formas de vida cristã, de celebração, e de pensamento, que assim se vão formando, são dons de Deus para partilhar com as outras Igrejas e assim enriquecer todas as outras comunidades, incluídas as



comunidades que lhes enviaram os missionários (cf. Vaticano II, *Ad Gentes*, 22).

b. Caminho juntos – Sinodalidade

As diferentes tradições cristãs que vão crescendo nos contextos missionários, são chamadas a enriquecer-se umas às outras, partilhando aqueles dons que foram crescendo no seu seio, frutos do caminho que Deus tinha feito com elas e do anúncio do Evangelho. Hoje, há músicas litúrgicas, maneiras de rezar, maneiras de organizar as comunidades cristãs onde o clero é muito escasso, etc., que se vão partilhando entre as várias Igrejas.

O que nós aprendemos a chamar ‘caminho sinodal’, é muito mais do que algumas reuniões para dar a nossa opinião. Trata-se de uma maneira de ser Igreja em que cada comunidade cristã dá a conhecer às outras o caminho que vai fazendo, e encontra no caminho de outras comunidades pistas para orientar melhor o seu próprio futuro. Assim, não só as pessoas caminham juntas, mas as Igrejas dos vários países e continentes são chamadas a enriquecer-se e a iluminar o caminho umas das outras. Pensemos, por exemplo, como nos últimos anos o caminho que as Igrejas da América Latina vinham fazendo nas últimas décadas, tão bem apresentado no documento da Assembleia de Aparecida (2007), tem agora enriquecido as Igrejas dos outros continentes através do ensinamento do Papa Francisco que nessa Assembleia tinha participado.

Os missionários e as missionárias que partem enviados por uma Igreja para se colocarem ao serviço de outras Igrejas em contextos culturais diferentes, e que mais tarde regressam enriquecidos por novas experiências, são protagonistas de primeira linha neste processo de intercâmbio e de mútuo desafiar-se e enriquecer-se entre Igrejas nos vários continentes. O melhor que podem fazer, ao regressar é contar como, por lá, “a Palavra de Deus crescia e se multiplicava” (*Act 12, 24*).

c. Caminho humilde

Esta “missão entre Igrejas” que hoje vivemos, só pode ser realizada autenticamente se todos aceitamos percorrer um caminho de humildade. Quando Deus olha para o nosso mundo, não vê comunidades ricas e comunidades pobrezinhas, vê só famílias de filhos e filhas com riquezas diferentes, que todos podem partilhar uns com os outros.

Cada comunidade cristã, no caminho que vai fazendo, tem experiências, descobertas, tentativas, que pode partilhar com as outras, e pode, por seu lado, aprender muito e encontrar caminhos novos quando se informa sobre o caminho que os outros vão procurando fazer.

Nenhum grupo e nenhuma Igreja possui o Espírito Santo em exclusividade. Todos temos algo a ensinar e todos podemos aprender dos outros. Os séculos de cristianismo em algumas zonas podem ter aprofundado muito a fé cristã, mas também podem ter acumulado elementos menos essenciais que acabam por encobrir aspectos importantes do Evangelho. Comunidades mais recentes, livres do peso de certas antigas tradições, por vezes, são capazes de captar e exprimir o Evangelho de maneira mais directa e mais clara. Com o tempo, também nós missionários aprendemos a conhecer melhor o evangelho que anunciamos.

O esforço de comunicar o Evangelho a outros povos, tentando “despi-lo das nossas tradições culturais”, para que esse Evangelho possa exprimir-se nas tradições culturais próprias dos povos a quem somos enviados, esse esforço nos leva a ver com maior clareza aquilo que é o “coração do evangelho”, distinguindo o que é essencial daquilo que é menos importante. Assim, quem parte, fá-lo também na disposição de ir aprender com humildade olhando com respeito para o que o Espírito de Deus vai realizando em outras terras.

Intercâmbio entre Igrejas

Vivemos hoje, a nova consciência de que todos somos missionários porque discípulos de Jesus. Isto porque todos somos convidados a partilhar o melhor que temos: a fé que vivemos juntos nas nossas comunidades cristãs.

Anunciar e testemunhar o Evangelho de Jesus não é um dever que nos é imposto. É a possibilidade que temos de ajudar muitas outras pessoas a descobrir a presença activa de Jesus no mundo e na vida de cada pessoa. Jesus precede-nos.

As comunidades cristãs da Igreja fazem o seu caminho de fé com uma imensa variedade de dons; celebram e testemunham a fé com grande criatividade, em modalidades que são configuradas pelo menos em parte pelas suas tradições culturais e religiosas.

Os missionários e missionárias que são enviados por uma Igreja concreta e recebidos por outra, lá longe, tornam-se instrumentos de um processo contínuo de intercâmbio que permite às Igrejas nas várias partes do mundo de continuarem um verdadeiro caminho sinodal em que se enriquecem umas às outras e se vão ajudando a descobrir novos caminhos de comunhão universal, na grande variedade de dons que o Senhor vai concedendo a todos. ✚

Padre Fernando Domingues
Superior Provincial dos Missionários Combonianos

Beatificado o médico da caridade

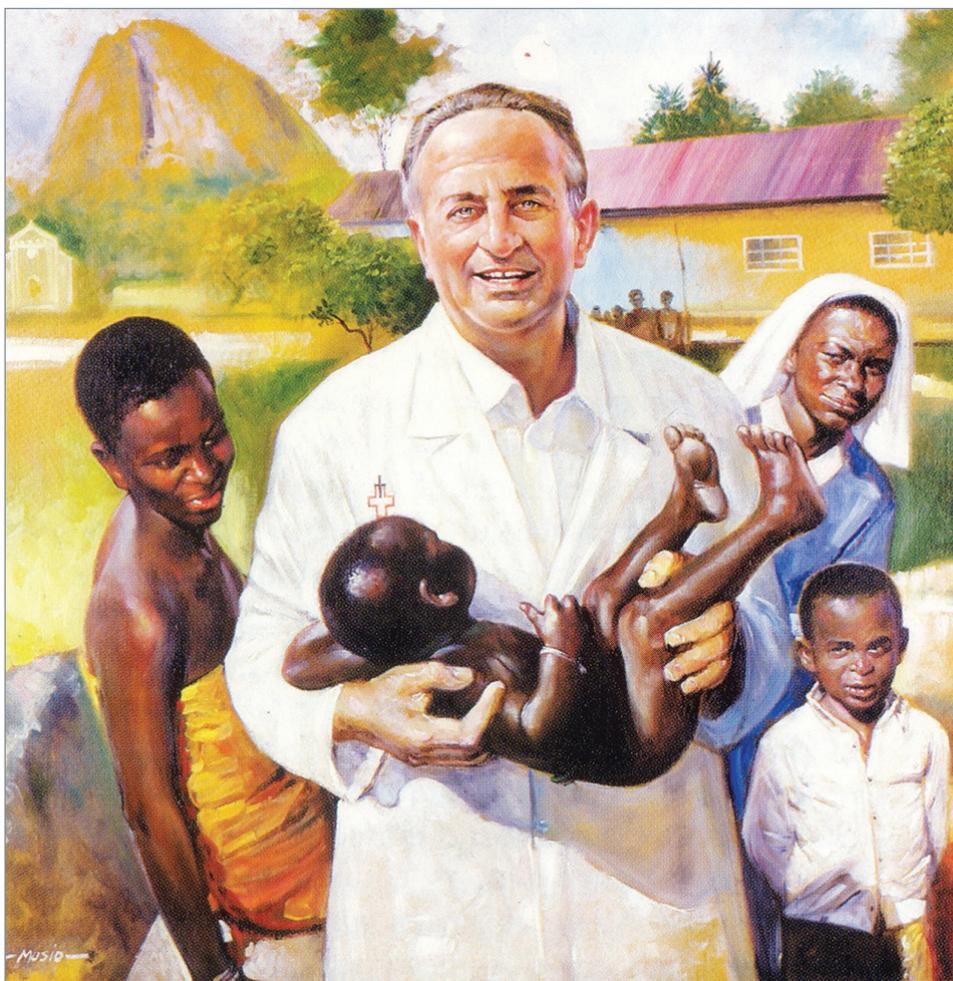
Giuseppe Ambrosoli, Padre e médico Comboniano, foi beatificado em Kalongo, no Norte do Uganda, no dia 20 de Novembro de 2022. O novo santo costumava repetir: “Deus é amor e eu sou o seu servo para os que sofrem.”

O meu nome é Giuseppe Ambrosoli. Sou natural de Ronago. Acabo de me licenciar em medicina e desejo colocar a minha profissão ao serviço das Missões. Gostaria de saber se, na vossa Congregação, um médico pode tornar-se sacerdote e se, uma vez membro, teria a certeza de ser destinado às Missões e exercer a dupla profissão de padre e de médico.”

É o Verão de 1949. E é com estas palavras que o jovem Doutor Ambrosoli se apresenta ao Padre Simone Zanoner, superior do Seminário Missionário Comboniano de Rebbio, na Província de Como, no Norte de Itália. Embora Giuseppe diga que o seu nome é “Ambrosoli”, não menciona que pertence à conhecida e influente família produtora de mel com o mesmo nome. O Padre Zanoner responde-lhe: “Os Missionários Combonianos foram fundados para as Missões e é, portanto, uma prática corrente para aqueles que se tornam membros ir para as Missões. Posso, por isso, garantir-te que irás para as Missões.”

“Se é assim”, responde o jovem médico, “pedirei para entrar, mas antes irei a Londres fazer um curso de medicina tropical.” Assim começou a aventura missionária do homem que se tornaria o grande “Doutor Aburojoli”, o médico dos Povos Acholi, do Norte do Uganda, também chamado pelas gentes de Kalongo, *Ajuaka Madit* (o grande doutor), ou *Doctor Ladit* (o grande médico).

Giuseppe Ambrosoli nasceu a 25 de Julho de 1923, de Giovanni Battista e Palmira Ambrosoli, em Ronago, uma encantadora aldeia na pro-



víncia de Como, perto da fronteira com o Cantão do Ticino, no Sul da Suíça. O seu pai era um empresário de sucesso no negócio do mel com o conhecido slogan: “Há muitos tipos de mel e depois há o sabor inconfundível do mel Ambrosoli.”

Giuseppe cresceu numa família onde a sua mãe Palmira era conhecida pela sua prática da fé cristã. Foi ela quem educou Giuseppe na fé e o treinou naquela moderação, simplicidade e auto-limitação que o acompanhou ao longo da sua vida.

A sua formação cristã foi consolidada graças aos santos educadores sacerdotes que se preocupavam com a educação das crianças e dos jovens, e sempre atentos aos doentes.

Fundamental para a sua vida espiritual e a sua opção missionária foi o seu encontro com o Padre Silvio

Riva, o assistente diocesano da Acção Católica de Como, que reuniu os melhores jovens num grupo que ele baptizou de “O Cenáculo”. O seu crescimento espiritual traduz-se na busca da santidade entendida como identificação com Cristo.

Como resultado de tudo isto, Giuseppe tornar-se-ia, portanto, um médico Missionário Comboniano. Já tinha 28 anos quando entrou no noviciado (1951). Fez a sua profissão religiosa, concluiu rapidamente os seus estudos teológicos, e foi logo ordenado porque a África precisava urgentemente dele. Tornou-se Padre na catedral de Milão, em 17 de Dezembro de 1955. Foi ordenado pelo Arcebispo Giovanni Battista Montini, que se tornaria o Papa Paulo VI.

A 1 de Fevereiro de 1956, o Pa-



dre Giuseppe partiu de Veneza a bordo do barco apropriadamente chamado “África” com destino a Mombaça, na costa do Quênia, e depois continuou a sua viagem de Mombaça para Gulu, uma cidade no Norte do Uganda. Por fim fez a estrada de Gulu para a Missão de Kalongo, na região Acholi Oriental, onde tinha sido destinado.

O cirurgião

Quase oito anos depois de ter concluído o curso e com uma preparação cirúrgica modesta mete mãos à obra. Os seus primeiros pacientes são dois acholi: um mutilado por um leão, o outro atacado por um búfalo.

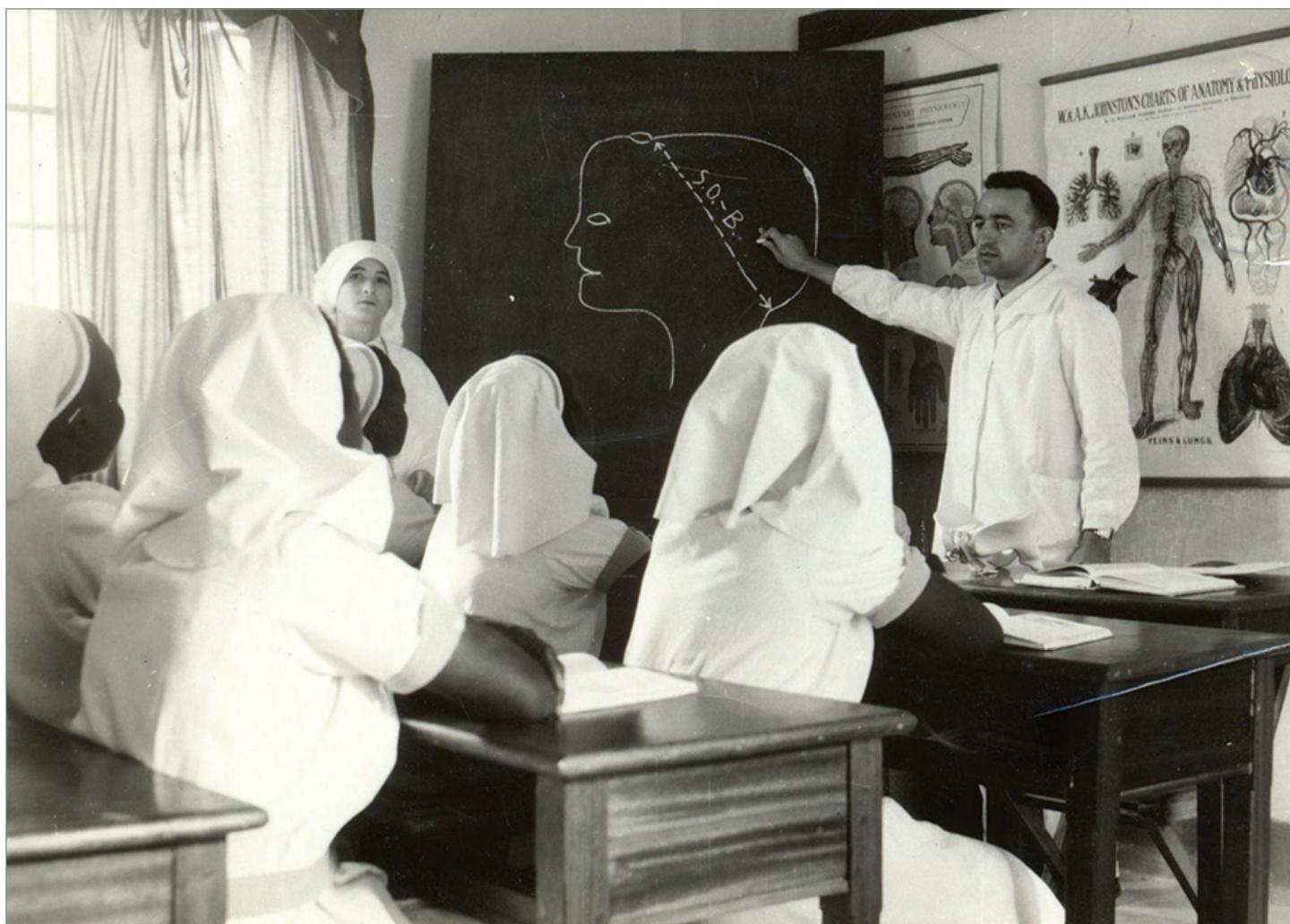
A partir do simples dispensário, que existia desde 1943, gerido por uma Irmã Comboniana enfermeira

e que servia uma população de cerca de 40 mil pessoas, e apesar das dificuldades políticas com a conquista do poder pelo ditador Idi Amin Dada (1969), Ambrosoli construiu um grande hospital com 370 camas, ao qual os doentes de Lira, Kitgum e mesmo do Quênia e do Sul do Sudão acorriam.

A jóia da coroa desse hospital é a escola para parteiras, da qual o Padre Giuseppe gostava muito. O programa de estudos baseia-se no modelo inglês e consiste em três anos de estudo e estágio, após os quais cada enfermeira estudante tem de fazer um exame perante uma comissão vinda especialmente da capital, Kampala. O diploma emitido é válido para todos os estabelecimentos de saúde do país e para todos os países anglófonos.

O Padre Giuseppe era totalmente dedicado aos doentes: “Devo tentar personificar o Mestre quando curava os doentes que O procuravam... Se ao menos eles pudessem ver Jesus em mim!”, dizia ele. Compreendeu imediatamente que para conquistar o coração dos Africanos tinha de ter uma benevolência infinita. Ele trabalhava sem poupar esforços não só como cirurgião, mas também como director e professor na escola de enfermagem. Conseguia permanecer à mesa de operações durante seis horas seguidas, sempre de pé, e depois mudar-se para a clínica, sem mostrar sequer o mínimo sinal de cansaço.

As pessoas acabaram por ter uma fé ilimitada nos poderes curativos do Padre Giuseppe, a ponto de o considerarem uma espécie



de taumaturgo: “Se estás doente, só tens de ir ter com o Padre Giuseppe; ele examina-te e tu voltas curado, tanto no corpo como no espírito e no coração”, diziam.

Ele envolveu todo o pessoal de enfermagem, fazendo-os sentir directamente envolvidos na gestão e funcionamento do grande hospital. Partilhou responsabilidades com os seus colegas médicos – alguns eram europeus que partiram fascinados pelo seu exemplo de dedicação – e deu-lhes autonomia.

Homem de fé

O Padre Ambrosoli começava o dia com a meditação e a celebração da Missa e nunca se deitava sem rezar o Terço: “Recitar o Terço caminhando sob o céu estrelado de Deus, com as estrelas do mágico céu africano, é realmente extraordinário”, escreveu a um amigo. Ao fim do dia, só tinha algumas horas de descanso porque aproveitava para estudar em vista das operações a realizar e para escrever aos benfeitores do hospital. “Uma vez no céu, terei todo o tempo que quiser para descansar”, costumava dizer.

Também soube mostrar o seu carácter severo como defensor dos fracos, incluindo a defesa heróica das esposas dos soldados do governo e, em geral, do povo do Sul, do qual a guerrilha do Norte, pretendia vingar-se. Quando os rebeldes se reuniram ameaçadoramente em frente ao portão do hospital, exigindo entrar e vingar-se da sua derrota, matando os do Sul, o Padre Ambrosoli interveio, colocando-se em frente ao portão: “Aqui não entrais. Se quiserdes, podeis matar-me a mim, mas aqui não entrais.” E os rebeldes cederam.

O ano de 1986 foi certamente o mais difícil para Kalongo, apanhado entre as tropas do governo e as dos rebeldes. A situação para o hospital piorou a 30 de Janeiro de 1987. Tendo reunido todo o pessoal do hospital e da missão, as



— “ ” —
**Devo tentar personificar
o Mestre quando curava
os doentes que O
procuravam... Se ao
menos eles pudessem
ver Jesus em mim!**

— “ ” —
autoridades militares acusam os presentes de cumplicidade com os guerrilheiros Acholi e obrigam a evacuar o hospital.

A viagem de Kalongo para Lira numa enorme coluna militar entre 1500 soldados e civis seria um calvário para o Padre Giuseppe. Ele tornou-se verdadeiramente semelhante a Jesus, que pareceu a muitos no Calvário como o ícone do mais completo fracasso humano. A sua preocupação principal eram as 42 estudantes de obstetrícia que tinham de se preparar para o exame final, agendado para Maio.

Chegados a Lira-Ngeta, o Padre Ambrosoli parece cansado, coberto de pó, mas sorridente. A sua saúde

estava a deteriorar-se, e o Senhor concedeu-lhe o seu desejo de morrer com as pessoas que tanto amava. As suas últimas palavras foram claramente compreendidas por aqueles que o assistiram: “Senhor, seja feita a Tua vontade.” O seu Senhor veio para o levar às 13h:50, na Sexta-feira, 27 de Março de 1987. Aos 64 anos de idade. “Agonizou e morreu sem a assistência de nenhum de nós médicos. Ele que tinha sido o médico de todos”, testemunhou um dos seus colaboradores.

O seu desejo era o de ser sepultado entre as pessoas que amava e pelas quais deu a sua vida.

No túmulo do Padre Ambrosoli, há uma placa que recorda a todos que ele era “Um Comboniano, um sacerdote e um médico.” A verdadeira mensagem, porém, está contida na frase que ele repetia e que o povo queria que fosse esculpida em mármore: “Deus é amor e eu sou o seu servo para os que sofrem.” ✨

Padre Elio Boscaini
Missionário Comboniano



Irmã Maria De Coppi, mãe, irmã e mártir

Sentir-me-ia culpado se não escrevesse duas linhas sobre a Irmã Maria De Coppi, assassinada em Chipene, no dia 6 de Setembro de 2022. As suas últimas palavras na mensagem à sobrinha Gabriella, também ela Irmã Comboniana, revelam a mulher que era: serena e confiante, ciosa da sua vocação missionária, cheia de esperança e com o coração aberto à vida do povo de Moçambique e disposta ao serviço incondicional, “até ao fim”. “Aqui a situação é muito tensa... Há perigo e a situação é triste, muito triste. Toda a gente dorme na floresta... Reza por nós: que o Senhor nos proteja e a este povo. Boa noite.” São provavelmente as palavras, comoventes, de uma mulher convicta de que a sua vida está unida de forma esponsal a Deus e à vida das gentes.

Cheguei a Moçambique quando a Irmã Maria era a provincial das Irmãs Combonianas. Vivia em Nampula, enquanto que o provincial dos Combonianos, P. Francesco Antonini, vivia no Centro Catequético do Anchilo, a cerca de 20 km de distância, onde passei os primeiros meses em Moçambique para um período de aprendizagem da língua e da cultura macua. Estávamos ali, com outros missionários que tinham chegado recentemente a Moçambique. A Irmã Maria vinha visitar-nos e falar com as Irmãs Combonianas que participavam no curso.

Por aqueles dias, a 3 de Janeiro de 1985, tinha sido assassinada a Irmã Teresa Dalle Pezze, na estrada de Nacala. Maria De Coppi, juntamente com o provincial dos Combonianos, partiram na coluna militar para o funeral: não podiam faltar, apesar de os tempos serem muito difíceis.

Quem diria que 37 anos depois Maria seria assassinada também ela em terra moçambicana, dando a vida pela gente que tanto amava? Em Moçambique, viveu grande parte da história de paz e guerra do país, de esperança e sofrimento.



Desde o início, impressionava-me o facto de ela nunca ter deixado de visitar as comunidades, sozinha ou acompanhada, nos comboios militares, para chegar a tantos lugares inseguros, onde se encontravam as Missionárias Combonianas. Com grande confiança e coragem punha-se a caminho, mesmo se o medo não faltava.

Da Irmã Maria recordo também a capacidade de escuta. Estava sempre disposta a ouvir quer os missionários quer as gentes. Com paciência e humildade, sentava-se para ouvir histórias de vida: a guerra, as mortes, a fome, a falta de tudo, a esperança de dias melhores... eram estas, as preocupações de todos, e ela ouvia procurando manter viva a esperança e, quando podia, dar uma ajuda nas situações mais urgentes.

A capacidade de escuta transformava-se em colaboração. Maria procurava a colaboração com todos: o provincial dos Combonianos, os agentes da pastoral, todos os missionários. Encorajava-nos sempre a viver como “equipa missionária”, ou seja, como comunidades de missionários e missionárias que partilhavam os seus sonhos e projectos, a oração, o trabalho pastoral, os dinheiros, o alimento e os momentos de distração. Fê-lo como

provincial, mas também depois de ter terminado este serviço. Era agradável ver os missionários reunidos nas varandas das missões, à noite, para contar a vida vivida durante o dia: o cansaço da guerra, as dificuldades das gentes, as alegrias da evangelização e do crescimento no meio da morte. Maria era uma paladina destes encontros e a sua presença infundia sempre muita serenidade e esperança.

As palavras de Óscar Romero podem abrir-nos à esperança cristã neste momento: “O martírio é uma graça de Deus que eu não acredito merecer, mas se Deus aceitar o sacrifício da minha vida, que o meu sangue seja uma semente de liberdade e um sinal de que a esperança será em breve uma realidade.”

A vida da Irmã Maria, doada desta forma simples, mas heróica, será a semente de tantas vidas consagradas à missão na terra moçambicana. Do céu, ela continuará a rezar por Moçambique e pelo seu povo, implorando a paz e o bem para todos. Possa a sua vida e a sua morte manter viva em nós a paixão pelos lugares de fronteira missionária! ✨

P. Jeremias dos Santos Martins
Missionário Comboniano

MISSIONÁRIOS, MISSIONÁRIAS E LEIGOS PORTUGUESES NO MUNDO (OMP 2022)

1. Missionários – 119 de 662				2. Missionárias – 144 de 1617				3. Leigos/as – 11 *
África	América	Ásia	Europa	África	América	Ásia	Europa	África
África Sul - 4	Bolívia - 1	China - 1	Espanha - 7	África do Sul - 2	Argentina - 1	Timor - 15	Albânia - 1	Angola - 4
Angola - 19	Brasil - 13	Filipinas - 3	França - 1	Angola - 18	Brasil - 27		Espanha - 2	Moçambique - 2
Cabo Verde - 3	Canadá - 2	Japão - 2	Inglaterra - 1	Burkina Faso - 1	Canadá - 2		França - 15	S. Tomé - 5
Chade - 1	Guatemala - 1	Timor - 1	Itália - 11	Cabo Verde - 1	Colômbia - 1		Holanda - 2	
Etiópia - 1	Honduras - 1		Luxemburgo - 1	Guiné-Bissau - 1	Cuba - 1		Inglaterra - 3	
Madagáscar - 3	Paraguai - 1		Suíça - 1	Moçambique - 20	Haiti - 2		Itália - 16	
Malawi - 1	Peru - 1			RD. Congo - 3	México - 1		Vaticano - 1	
Moçambique - 4				São Tomé - 5	USA - 2			
Quênia - 1				Senegal - 1				
RD Congo - 3								
Sudão - 1								
Tanzânia - 1								
Togo - 2								
Uganda - 2								
Zâmbia - 4								
70	20	7	22	52	37	15	40	11
	119				144			11

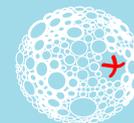
DIOCESES DE ORIGEM E SERVIÇOS DOS MISSIONÁRIOS, MISSIONÁRIAS E LEIGOS PORTUGUESES NO MUNDO

1. Missionários – 119 de 662		2. Missionárias – 144 de 1617		3. Leigos/as – 11 *	
Dioceses de origem:	Serviços	Dioceses de origem:	Serviços	Dioceses de origem:	Serviços
Angra - 1	Administração - 12	Angra - 3	Administração - 16	Braga - 4	Educação e Pastoral
Aveiro - 6	Comunicação - 3	Aveiro - 4	Educação - 28	Coimbra - 1	
Beja - 1	Educação - 10	Braga - 16	Formação - 8	Funchal - 1	
Braga - 13	Formação - 7	Bragança - 4	Pastoral - 38	Leiria - 1	
Bragança - 1	Pastoral - 78	Coimbra - 5	Reformadas - 16	Lisboa - 3	
Évora - 1	Saúde - 1	Funchal - 29	Saúde - 35	Vila Real - 1	
Funchal - 8	Sem dados - 8	Guarda - 7	Sem dados - 3		
Guarda - 5		Lamego - 1			
Lamego - 10		Leiria - 15			
Leiria - 9		Lisboa - 12			
Lisboa - 6		Portalegre - 8			
Portalegre - 4		Porto - 15			
Porto - 17		Santarém - 4			
Santarém - 2		Setúbal - 2			
Setúbal - 2		Viana C. - 1			
Viana C. - 4		Vila real - 6			
Vila Real - 4		Viseu - 3			
Viseu - 8		Sem dados - 9			
Sem dados - 17					
119		144		11	

* Dados fornecidos pelos Leigos para o Desenvolvimento e três Dioceses (Braga, Bragança e Leiria). A FEC publicará em breve dados mais detalhados sobre os Leigos em Missão durante 2022.

1. Responderam ao inquérito 13 Institutos Missionários Masculinos. Total de membros portugueses dos 13 Institutos: 662 missionários. 119 Missionários em Missão correspondem a 17,98%. 82,02% dos missionários residem em Portugal.

2. Responderam ao inquérito 28 Institutos Missionários Femininos. Total de membros portugueses dos 28 Institutos: 1.617 missionárias. 144 Missionárias em Missão correspondem a 8,90%. 91,10% das missionárias residem em Portugal.



MISSIONÁRIOS, MISSIONÁRIAS ESTRANGEIROS EM MISSÃO EM PORTUGAL

a. 51 Missionários – ORIGEM:				b. 128 Missionárias – ORIGEM:			
África	América	Ásia	Europa	África	América	Ásia	Europa
Angola - 2 Gana - 3 Moçambique - 3 Nigéria - 3 Quênia - 5 RD Congo - 2 Tanzânia - 1	Brasil - 6 Honduras - 1	Filipinas - 3 Índia - 6 Indonésia - 6 Timor - 1	Espanha - 1 Itália - 6 Polónia - 2	Angola - 22 Cabo Verde - 6 Congo - 1 Moçambique - 23 Nigéria - 1 Quênia - 1 S. Tomé - 1	Argentina - 1 Brasil - 10 Chile - 1 Colombia - 1 Equador - 1 México - 7 Perú - 4	China - 1 Coreia Sul - 1 Filipinas - 2 Índia - 3 Timor - 22	Albânia 1 Alemanha - 1 Bélgica - 1 Espanha - 14 França - 1 Itália - 1
19	7	16	9	55	25	29	19
51				128			

1. Responderam ao inquérito 13 Institutos Missionários Masculinos.

2. Responderam ao inquérito 28 Institutos Missionários Femininos.

SACERDOTES DIOCESANOS PORTUGUESES A TRABALHAR FORA DE PORTUGAL e SACERDOTES DIOCESANOS ESTRANGEIROS A TRABALHAR EM PORTUGAL

1. Sacerdotes diocesanos PORTUGUESES – 12				2. Sacerdotes diocesanos ESTRANGEIROS em Portugal – 7			
África	América	Ásia	Europa	África	América	Ásia	Europa
Angola - 1 Moçambique - 1	Canadá - 1		Alemanha - 2 Andorra - 1 Itália - 2 Suíça - 4	Angola - 6 Uganda - 1			
2	1	0	9	7	0	0	0
12				7			

I. Responderam ao inquérito três Dioceses (Braga, Bragança e Leiria)



Foto: José Rebelo

P. Manuel Fidelino Gomes Jardim, Missionário Comboniano, natural do Funchal, Ilha da Madeira, com orfãos em Gulu, no norte do Uganda. O P. Fidelino trabalha há quatro anos neste país conhecido como a “Pérola da África”, no noviciado de Namugongo, nos arredores de Kampala, a formar os candidatos à vida missionária.



Foto: José Rebelo

Irmão José Eduardo Macedo de Freitas, Missionário Comboniano, natural de Santo Estêvão de Briteiros, Braga, trabalha no Hospital de Kalongo, no norte do Uganda. Neste hospital trabalhou o padre e médico missionário, Giuseppe Ambrosoli, que foi beatificado no dia 20 de Novembro de 2022.

“O primeiro fósforo para acender o fogo”

Pauline-Marie Jaricot, a leiga francesa, fundadora da Obra da Propagação da Fé, que dedicou a sua vida aos pobres e a apoiar as missões foi beatificada.

A fundadora da Obra de Propagação da Fé, Pauline-Marie Jaricot (1799-1862), foi beatificada no dia 22 de Maio em Lyon, França. O milagre que levou à sua beatificação ocorreu há dez anos. Em Maio de 2012, Mayline, uma menina de apenas três anos e meio de idade, engasgou-se com uma salsicha, que se lhe atravessou na traqueia. Os pais pediram ajuda e os socorristas aplicaram-lhe a massagem cardíaca e a reanimação. Tinha tido múltiplas paragens cardiorrespiratórias e estava com anoxia cerebral (uma condição caracterizada pela falta de oxigénio no cérebro, o que pode levar à morte de neurónios e resultar em danos cerebrais irreversíveis). O primeiro diagnóstico do seu estado de saúde, feito pelo médico da ambulância, foi: Mayline estava no nível 3 da escala de Glasgow (ou seja, em coma).

No hospital, disseram-lhes que «o estado neurológico era irreversível e que a morte era iminente». Nos dias que se seguiram, o veredicto não melhorou. Após uma TAC, os médicos disseram aos pais que teria pouco tempo de vida e, mesmo que visse, não viria a falar ou a caminhar. O médico encarregado do departamento para onde foi transferida foi claro: a onda N20, que viaja através dos núcleos cinzentos da base e permite ao cérebro transmitir informação ao resto do corpo, o que determina se um paciente vai viver ou morrer, no caso da Mayline não estava presente de um lado do cérebro e muito pouco permanecia do lado oposto: ela só podia piorar e nunca mais voltaria a ser como era antes.

Quinze dias após o acidente, os



Mayline (1ª da Esq.), a miraculada por intercessão de Pauline Jaricot, com os pais e a irmã.

pais da escola da Mayline decidiram fazer uma novena à Venerável Pauline Jaricot: a diocese de Lyon, local de nascimento da venerável, estava a celebrar o 150.º aniversário do nascimento desta mulher que deu a conhecer aos seus contemporâneos a importância da missão da Igreja no mundo. A novena terminou no dia 23 de Junho. A Mayline estava em coma, com ventilação e alimentação artificial. Um tratamento de estimulação cardíaca causou uma embolia pulmonar e fortes convulsões. Os médicos decidiram então parar o tratamento, enquanto os pais da menina queriam que ela continuasse a ser alimentada artificialmente. No início de Julho, Mayline foi transferida para o Hospital Pediátrico de Nice. Antes de ser transferida, recebeu a Unção dos Doentes e os pais já pensavam onde enterrá-la. Embora estivesse em estado vegetativo e o seu estado cerebral estivesse gravemente debilitado, ela suportou a viagem. Quando a viram novamente em Nice, os seus pais tiveram a impressão de que algo tinha

mudado. Parecia que estava a voltar à vida. Os médicos confirmaram esta percepção, mas mantinham-na com prognóstico reservado. Uma semana depois, a criança voltou finalmente à vida e acaba por ter alta hospitalar em vésperas de Natal.

O inquérito diocesano para a sua beatificação decorreu de 20 de Julho de 2018 a 28 de Fevereiro de 2019, antes de transitar para a Congregação para a Causa dos Santos. A comissão médica, na sua sessão de 19 de Setembro de 2019, declarou que a cura tinha sido «rápida, perfeita e constante, assim como inexplicável de acordo com as leis da ciência». Os consultores teológicos (a 17 de Dezembro de 2019), depois os cardeais e bispos (a 5 de Maio de 2020) consideraram que se tratou de um milagre.

Paixão pela missão

A beata Pauline Jaricot foi uma leiga que dedicou a sua vida aos pobres e a apoiar as missões. Nasceu em Lyon, a 22 de Julho de 1799. Desde pequena que ouviu falar do trabalho

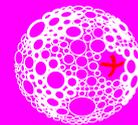


Foto: DR

dos missionários e quando o seu irmão Philéas se tornou seminarista para ir trabalhar na China, ela enamorou-se ainda mais da missão e queria acompanhá-lo. Depois de recuperar de um acidente doméstico aos 15 anos – queda de um escadote que abalou gravemente o seu sistema nervoso, afectando-lhe os movimentos dos membros e a fala – e a morte da mãe, Pauline decidiu dedicar-se a iniciativas de apoio ao trabalho de evangelização da Igreja. Fundou a Sociedade para a Propagação da Fé (com o objectivo de rezar e recolher fundos para as missões), o “Rosário Vivo” e as “Filhas de Maria”, consagradas sem hábito religioso, inteiramente dedicadas ao trabalho de divulgação da fé. Pauline morreu – na miséria – em Lyon a 9 de Janeiro de 1862. Disse de si que era «o primeiro fósforo para acender o fogo» da missão – um fogo que, passados duzentos anos, ainda arde em todos os que, com a sua fé, oração e ajuda contribuem para a missão universal da Igreja. ✦



Foto: DR

Relíquias da Beata Pauline Jaricot, apresentadas na celebração da Eucaristia de Beatificação, no dia 22 de Maio de 2022, em Lyon, França.

Pauline Jaricot, a estratega da missão

Pauline Jaricot nasceu em Lyon, França, a 22 de Julho de 1799, numa família de industriais da seda ricos. Desde a sua infância, ela recebeu uma boa educação cristã. Depois de uma doença grave, e da morte de sua mãe em 1816 (durante a sua convalescença), Pauline foi tocada por um sermão na igreja de São Nizier e decidiu servir apenas a Deus e dedicar-se a tudo o que diz respeito à causa da fé. Fez então, em privado, o voto de castidade e adoptou o estilo de vida e o vestuário das mulheres trabalhadoras.

Graças ao seu irmão Philéas, a estudar no seminário de São Sulpice, em Paris, onde se preparava para ir como missionário para a China, Pauline foi informada sobre a situação crítica das missões. Ao dar a conhecer as necessidades dessas missões, Pauline procurava algo concreto, capaz de despertar o entusiasmo e o desenvolvimento a partir do interior: algo que pudesse inflamar todos os católicos e tornar-se uma verdadeira ajuda para todas as missões.

A sua ideia, que deveria ser concretizada de um modo apropriado, apareceu numa noite de Inverno do ano de 1819. Numa inspiração súbita, Pauline concebeu o seu plano: formar grupos de 10 pessoas, em que cada uma delas se comprometeria a formar um novo grupo de dez – organizando assim as dezenas em centenas, e as centenas em grupos de mil – cada um presidido por um líder de grupo; a todos os níveis, cada membro teria a obrigação de recitar uma oração diária e dar uma oferta semanal para as missões.

Foi assim que surgiu a Obra da Propagação da Fé. Os primeiros membros foram as trabalhadoras de uma fábrica gerida pelo cunhado de Pauline, que ela já tinha organizado numa associação espiritual sob o nome de “Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus”. A iniciativa teve um sucesso imediato e, em breve, Pauline estava à frente do primeiro grupo de mil. O seu irmão Philéas



“ ”
A minha vocação não é fixar-me de tal modo numa obra e esquecer tudo o resto... Quero permanecer livre para acudir onde as necessidades são maiores.
“ ”

encorajou-a: “Continua”, escreveu-lhe ele em 1818, “para propagar esta obra que Deus quis começar pelas tuas mãos e que será talvez um dia, a semente destinada a tornar-se uma grande árvore, cujos ramos cobrirão toda a terra com a sua sombra.”

O nome “Propagação da Fé” foi imediatamente adoptado. A obra foi rapidamente organizada: em 1821, já contava com cerca de dois mil membros. As ofertas recolhidas entre Junho de 1821 e Maio de 1822 ascenderam a dois mil francos de ouro que foram doados à Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris. Em Dezembro de 1822, o montante foi de 8.050 francos de ouro.

Em 3 de Maio de 1822, um grupo de sacerdotes e leigos reuniu-se em Lyon para estudar uma forma de cooperação missionária que não se limitasse às missões francesas, mas alargada a todo o mundo e aos

missionários de todos os países. E depois de alguma hesitação, foi decidido adoptar a obra de Pauline Jaricot. O presidente da assembleia, Benoît Coste, declarou nessa ocasião: “Somos católicos, consequentemente, não devemos apoiar esta ou aquela missão em particular, mas todas as missões do mundo.”

O Rosário Vivo

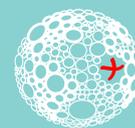
Aos 26 anos de idade, Pauline Jaricot fundou o Rosário Vivo, uma obra de evangelização através da oração. Entre os associados haverá de tudo, os mediócrs e os melhores, mas se em “15 brasas, apenas uma está acesa, duas ou três estão mal acesas, junte-as e terá um braseiro”, escreverá o jesuíta Henry Ramière a propósito desta obra. A ideia era reunir os fiéis ao redor do Rosário para meditem sobre um mistério do Evangelho, para que todo o Terço fosse recitado pelo grupo. Era uma forma de aprender a rezar e a fazer comunidade. Dez anos mais tarde, o Rosário Vivo tinha mais de um milhão de membros. Pauline Jaricot assegurou o desenvolvimento internacional da obra a partir da sua casa, na colina de Fourvière, em Lyon.

Outras obras de Pauline

O seu génio criativo levou-a a empreender outros projectos. “A minha vocação”, escreveu ela, “não é fixar-me de tal modo numa obra e esquecer tudo o resto... Quero permanecer livre para acudir onde as necessidades são maiores.”

As suas obras, sempre ao serviço da evangelização, são:

- a obra da boa imprensa (bibliotecas populares itinerantes: 1826)
- a Congregação das Filhas de Maria (1831);
- para evangelizar a classe trabalhadora, lança-se num projecto industrial em que foi vítima de vigaristas. Este amargo fracasso foi para Pauline um verdadeiro calvário ininterrupto até à sua morte, na miséria total, em 1862. ✦



DIA MUNDIAL DAS MISSÕES PEDITÓRIOS DIOCESANOS

Dioceses	CONTAS 2020	CONTAS 2021
ALGARVE	3.586,47 €	3 739,39 €
ANGRA	5.220,83 €	6 630,80 €
AVEIRO	10.646,44 €	11 906,34 €
BEJA	4.575,25 €	3 886,63 €
BRAGA	20.269,11 €	31 487,16 €
BRAGANÇA	2.874,60 €	2 296,93 €
COIMBRA	15.457,09 €	24 825,95 €
ÉVORA	1.447,36 €	3 517,84 €
FUNCHAL	11.700,00 €	9 700,66 €
GUARDA	25.613,06 €	20 105,00 €
LAMEGO	15.000,00 €	15 500,00 €
LEIRIA-FÁTIMA	13.744,05 €	17 455,50 €
LISBOA	48.227,86 €	57 854,08 €
PORTALEGRE	9.594,81 €	8 396,58 €
PORTO	30.540,72 €	31 080,78 €
SANTARÉM	3.832,94 €	4 976,85 €
SETÚBAL	4.988,97 €	8 478,85 €
VIANA DO CASTELO	12.310,00 €	* 0 €
VILA REAL	21.187,79 €	21 207,79 €
VISEU	14.995,74 €	9 690,13 €
ORD. CASTRENSE	0,00 €	185,17 €
TOTAL	275 813,09 €	292 922,43 €

* Até ao dia 6 de Dezembro de 2022, a diocese não enviou o peditório.

OBRA DE S. PEDRO APÓSTOLO

25.587,03 €

(Produto de uma oferta especial para esta finalidade)

OBRA DA INFÂNCIA MISSIONÁRIA

10.700,40 €

(Fruto dos mealheiros missionários e de algumas ofertas particulares)

GRATIDÃO POR LEGADO

O Senhor Cônego José Fernandes Vieira, da Diocese de Viseu, ao partir para o Pai já este ano, deixou-nos parte da sua herança, no valor de **30.660 euros**, como sinal da “paixão que ele nutria pela acção missionária da Igreja” e “manifestar o profundo apreço que sentia pelos serviços prestados pelas Obras Missionárias Pontifícias em Portugal.” Ficamos-lhe imensamente gratos pela sua generosidade. O dinheiro – como todas as outras ofertas que recebemos – é posto à disposição do Secretariado Internacional das OMP, em Roma, para ajudar as 939 dioceses dependentes da Santa Sé. Bem-hajam pela vossa generosidade!



O Comboniano Equatoriano, P. Ramón Vargas, na Missão de Kalongo, no norte do Uganda.

Como ajudar a Igreja Universal através das OMP?

O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé

Banco Millennium-BCP

Nº Conta: 23521434

NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05

IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521 434 05

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos mandar-lhes o recibo para efeitos de IRS.

As Obras Missionárias Pontifícias são uma rede de oração, solidariedade e partilha com a Igreja Missionária.

Muito obrigado a todos os que nos enviam os seus donativos, para estas Obras. Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma Eucaristia pelas intenções dos colaboradores das Obras Missionárias Pontifícias.

A MISSÃO é divertida

Uma dança tempestuosa

Padre Neno Contran, Missionário Comboniano

○ Padre Tarcísio, um Missionário Comboniano italiano, sempre acreditou na utilidade do uso dos meios de comunicação na catequese, mesmo antes da publicação de *Catechesi Tradendae*, a Exortação Apostólica sobre a catequese do nosso tempo, pelo Papa João Paulo II, em 1979. Com o tempo, ele actualizou-se e com a câmara de vídeo foi filmando cenas, recriadas com inteligência e imaginação, a fim de transmitir mensagens de fé e moral ao povo. Um dia, ele organizou uma peça de teatro com a famosa “dança da chuva”. Para que fosse o mais possível real, pediu aos dançarinos que se vestissem de acordo com a tradição: usando as curtas saias de ráfia, as contas, as penas de avestruz, os tambores, e assim por diante. A preparação durou algumas semanas de modo a garantir que nenhum detalhe coreográfico fosse ignorado. O ritual foi realizado de forma soberba e aos numerosos espectadores foi concedido uma repetição.

Como se levasse muito a sério a boa vontade de todos, o céu foi abalado e dois dias depois houve uma terrível tempestade na zona, que trouxe chuva nunca vista naquela estação, que era a estação seca. O vento arrancou o telhado de várias cabanas, do mercado e do dispensário. O chefe da aldeia apressou-se a ir ter com o Padre Tarcísio e, sem as habituais saudações, disse-lhe: “Viu o caos que a sua invulgar e não autorizada dança causou? Tem consciência dos danos sofridos?” “Sim, mas a tempestade também danificou a missão. Veja as folhas de zinco que arrancou do telhado da escola!” Percebendo que o céu não tinha poupado ninguém, o chefe tradicional acabou por aceitar a fatalidade sem mais recriminações.



Ilustração: Ana Romão

“A tua galinha não tem placa de matrícula”

A pesar das sonoras buzina-de-las, a galinha bateu contra o pára-choques direito do carro do missionário. O impacto foi tão fatal que nem sequer houve a habitual nuvem de penas. O Padre Gabriel acelerou: estava com pressa e aquela estúpida galinha não merecia a sua atenção. Algumas horas mais tarde, quando voltava, encontrou a estrada bloqueada por um tronco de árvore que não parecia estar ali por acaso. Não teve remédio senão parar. Da relva emergiu um tipo acenando com o que restava da ave, gritando: “Foste tu que fizeste isto; tens de pagá-la!” Com a paciência de que por vezes era capaz, o Padre Gabriel explicou que em tais casos, a culpa não

era do condutor, mas do dono do animal. O camponês não concordou.

“Sabem o que sugiro?”, adiantou o Padre Gabriel, “vamos à polícia e vejamos o que dizem.” A pequena esquadra da polícia não era muito longe. O missionário relatou a ocorrência ao polícia de serviço. Depois foi a vez do dono da galinha, que, abanando a carcaça da galinha, sublinhou a magnitude da perda. Era evidente que a lei não protegia os animais domésticos que vagueavam sem vigilância numa estrada nacional, mas o camponês não queria ouvir. No final, o polícia teve uma ideia. “Vês que o carro tem uma matrícula? O Padre teve de pagar uma taxa para obter essa placa e com ela pode circular por todas as estradas, mas a tua galinha não tem placa de matrícula.” ✦



OFERTA DE NATAL



Com esta edição da revista *Missão OMP*, oferecemos aos nossos amigos e benfeitores o livro do Padre António Lopes, intitulado *A suave e reconfortante alegria de evangelizar. Missão à luz dos Actos dos Apóstolos*. Trata-se de “um percurso catequético comunitário ou familiar, através de doze encontros com os textos escolhidos dos *Actos dos Apóstolos*, num exercício de escuta, acolhimento da Palavra de Deus e de uma resposta generosa, aberta e dinâmica a essa mesma Palavra.” O livro pode ser usado para a reflexão pessoal e de grupos, para um aprofundamento da mensagem daquele que foi chamado o “Evangelho do Espírito”. Boa reflexão!

CRIANÇAS AJUDAM CRIANÇAS



ASSEMBLEIA ANUAL DOS ANIMAG, IMAG



Foto: João Fernandes

Os Institutos Missionários *Ad Gentes* (IMAG), os seus animadores (ANIMAG) e os diretores diocesanos das Obras Missionárias Pontifícias (OMP) reuniram-se de 16 a 19 de Novembro, em assembleia anual no Centro Pastoral e Social de Ferragudo, diocese do Algarve.

A assembleia nacional, contou com diversos *workshops*, encontros por zonas, oração do Terço, visitas culturais, momentos de convívio e uma palestra de D. Rui Valério, vogal da Comissão Episcopal Missão e Nova Evangelização, da Conferência Episcopal Portuguesa, sobre o tema “Um desafio à sinodalidade – ir às periferias”.

Os ANIMAG, constituídos por 27 institutos, dedicam-se a animar missionariamente a Igreja em Portugal, recordando-lhe que “a causa missionária deve ser (...) a primeira de todas as causas” (EG 15).

Na Festa da Infância Missionária, que ocorre no Domingo da Epifania, as crianças recolherão o fruto da sua generosidade, contido nos Melalheiros Missionários. As ofertas angariadas este ano, visam apoiar dois projectos no continente Asiático:

Filipinas: Construção de uma sala de aulas na escola da paróquia de Santo Isidro, em Población, diocese de Malaybalay, para 350 crianças.

Índia: Construção de casas de banho equipadas com canalização e reservatório de água potável na escola de Santa Cruz, em Lukhu, diocese de Agartala.

A imagem em cima é a capa do primeiro guião da Infância – de um percurso de cinco anos – com o qual queremos criar nas crianças e adolescentes o sentido missionário de pertença a uma “Casa Comum”, que é o nosso mundo, onde todos podem viver em harmonia e comunhão! Este ano de 2022/2023 pretendemos ajudar as crianças e as suas famílias a descobrir a beleza de habitar esta Casa Comum que é o lugar onde acontece a vida e se vive em comunidade!

Pode enviar donativos para:
Obras Missionárias Pontifícias
Banco Millennium BCP
NIB: 00330000002352143405



8 DE JANEIRO, FESTA DA INFÂNCIA MISSIONÁRIA

“Não nascemos magicamente, com uma varinha mágica, mas numa família e o que somos hoje como pessoas é fruto do amor que recebemos no seu seio. Devemos conhecer a própria história e as nossas raízes, para a vida não se tornar árida. E agradecer a Deus pela família que temos.”

(Papa Francisco, 26 de Dezembro de 2021)